

## Eu sou Anastácia: histórias de uma rainha

Laila Rosa

FERREIRA, Lucinete; DIAS, Lêda. *Eu sou Anastácia! histórias de uma rainha*. Recife: FacForm, 2011.

“*Eu sou Anastácia: histórias de uma rainha*” é um livro que, de uma forma extremamente humana, nos apresenta as diversas faces de uma artista brasileira de peso em suas múltiplas competências artísticas e pessoais. Esta, embora tenha se tornado precocemente “arrimo de família”, apenas aos 14 anos, quando assume a grande responsabilidade de ser a principal provedora de sua família (mãe, irmãs, irmãos e sobrinha), Lucinete Ferreira, ou simplesmente “Anastácia”, se tornou famosa cantora de rádio em seus tempos áureos, passando por experiências como atriz, comediante, vendedora e até mesmo secretária, vindo a se tornar uma grande compositora e expoente do forró em âmbito nacional.

Lêda Dias, historiadora, poetisa e cantora pernambucana com cd recém-lançado<sup>1</sup>, assim como Anastácia, é também múltipla em seu estilo de costurar as narrativas *anastacianas* e nos mostrar de forma sincera que “uma vida nunca poderá ser contada em sua totalidade” (p.11). Logo, nos apresenta um livro que de longe se configura numa obra meramente factual e descritiva, das cronologias de vida desta artista, embora não se prive de nos fornecer ricos dados cronológicos pessoais e artísticos, desde seus primeiros

<sup>1</sup> Lêda Dias, CD e LP *Canções Brasileiras*, 2011.

Laila Rosa. Doutora em etnomusicologia/ Professora Adjunta da Escola de Música e do Programa de Pós-Graduação de Música da UFBA/Professora convidada do Programa de Pós-Graduação em Gênero, Estudos Interdisciplinares e Feminismo (PPGNEIM/UFBA)/ Pesquisadora do Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Mulher (NEIM/UFBA) onde desenvolve pesquisa sobre mulheres e música no Brasil. Musicista e compositora. Site: [www.myspace.com/lailarosa](http://www.myspace.com/lailarosa)

passos como cantora, quando Anastácia admirava os cocos que aconteciam no bairro popular recifense do Buriti e ia para o Açude de Apipucos cantar para as lavadeiras (p. 30), até um extenso índice musicográfico e discográfico de sua obra, seguido por referências já existentes sobre esta importante artista brasileira.

O livro é dividido em 10 partes escritas no feminino, onde não se propõe em nenhum momento discutir questões teóricas dos estudos sobre gênero e feminismos. No entanto, discorre por um rico panorama de história de vida desta artista que, ao longo de sua vida, firmou sua autonomia pessoal, profissional e artística que pode ser, a meu ver, traduzida como feminista, no sentido do enfretamento ao racismo e sexismo que uma jovem artista nordestina viveu ao longo de sua vida. Portanto, é uma obra que contribui não somente para o campo de estudos da música popular brasileira e especialmente, o forró, trazendo o que é raro no panorama da música nacional ainda hoje: a atuação de mulheres compositoras-intérpretes que alcancem uma visibilidade artística (ainda mais aquelas oriundas da região Nordeste), assim como, também, para os estudos sobre raça e gênero, dentro do campo dos estudos feministas:

Das *histórias de menina* (p. 19), a narrativa de Anastácia se inicia com as protagonistas de sua vida: a mãe Josefa Conceição Ferreira, chamada de Marina, e, a avó materna que foi vítima fatal de violência doméstica, tragédia que ainda hoje é dura realidade para muitas mulheres, *Marias, Severinas, Josefás*, etc. mesmo em pleno vigor da Lei Maria da Penha contra violência contra a mulher: Marina, então órfã ainda menina, segue sua vida e, assim também será o destino de sua segunda filha, Lucinete, nascida em 30/05/1940, e que sempre ao lado da mãe, com quem forma um forte núcleo familiar que por vezes foi esteio, por vezes foi dura carga para uma jovem sonhadora, a emergente cantora Lucinete Ferreira.

Filha de operários da famosa fábrica de tecidos da Av Norte, bairro da Macaxeira, *Cotonifício Othon Bezerra de Melo*, embora não tivesse nenhum(a) artista na família, ou mesmo tivesse encontrado, inicialmente, apoio familiar para a sua opção artística de vida, se profissionalizou como cantora da fábrica onde a mãe, então viúva, trabalhava. Passando a

ganhar maior salário que a mesma e, por esta razão, decide “tirar” a mãe da fábrica para que a mesma pudesse ficar em casa, neste caso, saindo da situação de exploração profissional para poder ter mais saúde e também cuidar dos filhos menores, diminuindo assim, sua sobrecarga de trabalho (fabril + doméstico).

O livro traz claramente as relações étnico-raciais e de gênero que entrecortam as próprias trajetórias particulares destas mulheres nordestinas avó+mãe+filha até a relação que sua mãe teve após sua viuvez, com o então pai de seus outros filhos e o racismo que teve de enfrentar por este ser um homem negro, enquanto ela era “branquinha”: “Quando a família de meu pai soube, falou – “mas Marina, você arruma logo um negro pra se juntar?” Mas minha mãe falou: “Mas o que é que tem? Ele é um ser humano! É um homem, não é?” (p. 27).

Das histórias de *Lucinete, no éter...* (p. 43) são narradas as diversas experiências profissionais de Anastácia na Orquestra do *Cotonifício Othon Bezerra de Melo*, onde se profissionalizou, cantando em bailes e matinês diversas, quando alcança uma projeção na cidade e é contratada pela famosa Rádio Jornal do Comércio, então considerada “rádio dos cantores de elite”(p. 45). A partir daí ganha ainda mais projeção artística e trabalha com grandes nomes da cena artística nordestina e brasileira, como o paraibano Genival Lacerda e o alagoano, hoje expoente da música instrumental brasileira de renome internacional, Hermeto Pascoal (p. 46).

*De mala e cuia na Cidade da Garoa* (p. 73) narra a verdadeira odisséia que foi a viagem familiar na mais típica das migrações brasileiras, de nordestinas indo tentar a vida em São Paulo. Diante de sua insatisfação com a discriminação que os artistas locais passaram a sofrer com a chegada da televisão, decide mudar de vida e viajar, com um *pequeno* diferencial que contrariava o que grande parte da sociedade esperava das mulheres: uma viagem e plano de vida que foram planejados e realizados somente por mulheres que levavam suas crianças. Viajou com a mãe, cinco irmãos pequenos e uma sobrinha. Lá encontra a dura realidade de ser nordestina e pobre na Paulicéia: “Eu fui nordestina como tantas outras, que vieram sofrendo, por que vim de família pobre, de periferia. Todo

mundo que tinha esse padrão e veio pro sul, veio para amargar duras penas” (p. 87).

Em *Anastácia* (p.91), ainda em 1960, deixa o cargo de vendedora da Cooperativa de Consumo dos Empregados da VASP para ser contratada como cantora pela VENBA, empresa da dupla Venâncio e Corumba, onde passa a ser também secretária. Lá conseguiu contatos para gravar seu primeiro Compacto duplo, ainda como Lucinete Ferreira, tendo, neste mesmo período iniciado o romance com Venâncio. Posteriormente, com a gravação de seu LP (1961) *Anastácia no Torrado* quando é “batizada” de Anastácia por Palmeira, da Gravadora Chantecler, devido a uma jogada de Marketing sob a justificativa de que “Anastácia ninguém vai esquecer (...) E Lucinete, com essa terminação *ete*, que é muito nordestina, por sinal, muito regional, tem Ivonete, Marinete, Silvete, Rosinete...” (p. 103-104). Nos anos de 1962 e 1963, Anastácia tem suas duas filhas com Venâncio. Mesmo assim, opta por um modo de vida autônomo e moderno para os padrões da época, continuando a viver com sua mãe e a seguir sua carreira que passou a não ser apoiada pelo companheiro que demonstrava ter ciúmes de sua projeção artística, na medida em que tentava controlar a mesma, um dos fatores que detonou o relacionamento, pois, contrastava com a autonomia da mulher que Anastácia era.

As partes 5 e 6 do livro narram a relação artística e pessoal entre Anastácia, Luiz Gonzaga e Dominguiños, onde surgiram shows e composições frutos de parcerias entre a artista e Dominguiños, artista e pessoa especialmente importante para Anastácia. Em seguida, na parte sobre as *histórias de compositora* (p.175) conta a respeito de seus processos composicionais, onde declara: “não toco instrumento nenhum, mas faço letra e melodia. Alguns amigos me dão temas que eu desenvolvo, e então edito em parceria: (p. 178). Acrescenta: “Surgem ideias assim, meio doidas, mas em geral eu decanto a imagem do povo. Até me aborreço com essa compulsão que tenho para compor. Para quê fazer tanta música? Tenho um monte de músicas inéditas! Tenho toadas, tenho sambas...” (p. 180). “Acho que nasci esse dom de fazer música! Qualquer coisa era pretexto pra compor” (p. 186).

Sobre a questão de gênero e música, das mulheres

compondo e interpretando num ambiente artístico tão masculino e machista, em que o padrão estilístico e estético predominante até então era aquele de potência vocal masculina, além da importante performance da rítmica do forró, considerada difícil ou pouco acessível para as mulheres, que até então não tinham modelos femininos alternativos de performance musical no gênero. Narra: “às vezes, eu fazia uma música e pensava: “Essa música parece com Marinês! (...) Marinês foi a musa inspiradora de todas as mulheres cantoras. Foi a primeira mulher que ousou aquela postura de usar chapéu de couro, que era coisa usada por homem, e de cantar forró. Porque forró é um tipo de música que *seria mais indicado pro homem* cantar porque ela *requer muito fôlego! Normalmente mulher não tem assim muito fôlego* pra divisão forró. *Mas passou a ser uma coisa tão natural que as mulheres aderiram*” (Grifos meus, p. 188). É interessante ver como, em sua fala, inicialmente ela naturaliza as performances masculina (apropriada) e feminina (não apropriada) e, em seguida, desnaturaliza a suposta limitação das mulheres em cantar forró, assumindo que as mesmas *aderiram*. Esta parte inclui também transcrições de algumas letras de suas canções e de sua inserção no meio artístico de São Paulo e nacional. Ao todo são mais de 600 músicas editadas, e gravadas, cerca de 800, algumas regravadas centenas de vezes por nomes como Ângela Maria, Luiz Gonzaga, Waldick Soriano, Oswaldinho, Marinês, Trio Nordestino, Genival Lacerda, Clemilda, Emílio Santiago, Daniela Mercury, dentre outros nomes, incluindo cantoras italianas e até japonesas (p. 179).

Segundo Gilberto Gil, a música nordestina se tornou marcante na paisagem musical brasileira, tendo “algumas figuras femininas ímpares” num contexto artístico predominantemente masculino, dentre estas, Anastácia desponta como compositora e intérprete com seu “toque delicado e carinhoso no modo de dirigir o seu olhar romântico sobre temas típicos do cancioneiro do Nordeste” (p. 283). O próprio Gil gravou duas canções que se tornaram clássicas em sua discografia: “eu só quero um xodó” e “tenho sede”, ambas são parcerias de Anastácia com Dominginhos. Este último, seu maior parceiro iniciou sua carreira como cantor e compositor quando Anastácia já era famosa.

Em suas palavras Dominginhos reconhece: “Comecei a gravar em 64, lá no Pedro sertanejo. Então travamos conhecimento, e eu passei a andar com ela fazendo um forrozinho por ali. Ela dividia o cachê comigo, porque ela era muito mais conhecida no meio do forró, me levava pra apresentar os donos do forró, e eu tocava acompanhando ela. O tempo foi passando, Anastácia até me botou na SICAM, que é uma das sociedades que nós temos de música em São Paulo. E ela cuidou dessa parte, de um conhecimento maior com as pessoas que trabalhavam com música. (...) Então Gonzaga fez uma viagem e nos chamou pra ir junto. Eu já tinha feito uma viagem com ele, e essa viagem com Anastácia foi em 67 ou 68, não me lembro bem. Foi quando a gente começou a fazer música” (p. 253).

Canções frutos de parceria entre Anastácia e Dominginhos foram gravadas por artistas de renome como Marinês, Gal Costa, Nana Caymmi, Jane Duboc, Gilberto Gil, dentre outr@s. Em seu depoimento Dominginhos conta que depois que sua parceria “Mundo de amor” foi gravada por Marinês e, em seguida por Gal Costa: “foi aí que descobri que eu era compositor; por causa de Anastácia, por que foi ela quem começou a botar letra nas minhas músicas!” (p. 254). Prossegue: “Anastácia foi um elo extraordinário em minha vida, uma mulher de grande valor, que me ajudou muito, inclusive eu só descobri que era compositor por causa dela! (...) Foi uma pessoa que marcou minha carreira, como Luiz Gonzaga em outra dimensão! Como foi Pedro Sertanejo, em outra dimensão (...) *Eu só quero um xodó* abriu todas as portas como compositor pra mim e pra ela também! (p. 255).

Na 8ª parte, da *Rádio mulher e outras ondas* (p. 215), é narrada a experiência de Anastácia que, por conta da diminuição do mercado para os forrozeiros, pela presença massiva da Jovem Guarda, retorna para o rádio, como protagonista de um dos programas da Rádio Mulher, (p. 217). No entanto, mais uma vez, Anastácia desenvolve estratégias para superar as dificuldades profissionais e se populariza na Rádio através de merchandisings e de sua aproximação, sobretudo, com o público nordestino da cidade de São Paulo. Nas duas últimas partes do livro são *Família e fé* (p. 233), onde a artista, de orientação

espírita Kardecista, fala sobre sua concepção de Deus e maternidade, e *Bodas de ouro no forró* (p. 247), consiste na parte que inclui depoimentos diversos sobre a artista, que enriquecem de forma polifônica, a sua fala, o seu canto.

O livro nos envolve por completo neste enredo biográfico, musical e poético, mesmo quando são apresentados momentos de dor presentes na trajetória de uma mulher-artista nordestina, pernambucana do subúrbio da capital recifense, oriunda de classe baixa, filha e neta de mulheres que sofreram na pele a trajetória árdua da violência doméstica e da pobreza que foi pobre materialmente, mas rica em força de vontade, em autonomia feminina e em superação humana transformadas em arte poeticamente materializada em forma sonora de suas canções. Uma obra que é musical e humana que conflui para a premissa etnomusicológica, em que um conceito apropriado de música deve considerar sons e seres humanos, mesmo que não se proponha analisar obras musicais, especificamente, mas se detém, sobretudo, aos processos de criação, às memórias afetivas que englobaram tais processos e à própria formação da artista-protagonista.

De forma atual, consiste numa narrativa que, embora extensa, é envolvente, pois se ouve e sente claramente a voz da protagonista, sendo, portanto, uma obra bonita e generosa, expressamente escrita e assinada a quatro mãos, unindo oralidade e escrita onde Lêda passou a “costurar essa imensa colcha de depoimentos registrados em momentos distintos” para que, finalmente, “as pessoas lessem o livro como se estivessem conversando com Anastácia” (p. 11).

Ao ler este livro de quase 400 páginas em pouquíssimos dias foi assim que me senti: conversando com Anastácia, ouvindo atenta suas tantas vivências e músicas (cerca de 600 composições, sendo 210 com seu maior parceiro, o compositor e sanfoneiro Dominginhos). Me emocionei ao ouvir Anastácia através de escrita rica e detalhada por dados cronológicos, quantitativos, mas sempre humanos de Lêda. E mais gratificante, fui procurar ouvir o canto inconfundível de Anastácia em sua vasta discografia de 42 discos gravados (4 Compactos, 25 LP's e 13 CD's). Quem não ouviu que tome providências...